

SEPARATA DA
Revista da Universidade de Aveiro • Letras

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO DE ESTEREÓTIPO: UMA DUPLA ABORDAGEM

Maria Manuel Lima



UNIVERSIDADE de AVEIRO

1997-n.º 14

ÍNDICE

MOLDURA PARA UM RETRATO DE VIEIRA <i>Luís Machado de Abreu</i>	9
PADRE ANTÓNIO VIEIRA, PRIMEIRO "ESTATUÁRIO" DE D. CATARINA DE BRAGANÇA <i>Virginia de Carvalho Nunes</i>	,21
"SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO (AOS PEIXES)" DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA: COMO ENSINAR O DISCURSO ENGENHOSO <i>Maria de Fátima M. Albuquerque</i>	29
A PAIXÃO DE COMPREENDER <i>Rui de Magalhães</i>	39
"O INVOLUNTÁRIO": UM CONM DE BRANQUINHO DA FONSECA <i>António Manuel Ferreira</i>	61
ESTRA1'ÉGIA E METODOLOGIA NA HISTORIOGRAFIA ARTÍSTICA PORTUJUESA (1846-1935) <i>Nuno Rosmaninho</i>	71
AUTOBIOGRAFIA E CULTURA Reflexões sobre <i>R/aá Boy</i> , de Richard Wright, e <i>J Know Why the Caged Bird Sings</i> , de Maya Angel(u) <i>Maria Saraiva de Jesus</i>	93
VEJAKY SOBRE DESVIOS LINGUÍSTICOS NOS NOMES DAS LOJAS <i>Lurdes de Castro Moutinho, Rosa Lúdia Coimbra</i>	127
CONFIGURAÇÕES METODOLÓGICAS DE FRANÇOIS RABELArS NO ENSINO DA LITERATURA <i>Maria Hermínia Amado Laurel</i>	143
AMBIGUIDADES DA CANONIZAÇÃO NO ESPAÇO DAS LETRAS <i>Heidrun Krieger Olinlo</i>	161
CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO DE ESTEREÓTIPO: UMA DUPLA ABORDAGEM <i>Maria Manuel Lima</i>	169
NOTÍCIAS <i>Vida Académica</i> <i>Actividades Cullurais</i>	183 193
LIVROS	199

Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem

Maria Manuel Lima

Universidade de Aveiro

Se os estereótipos são, realmente, devidos a mecanismos de correspondência psicossocial, mais do que simplificar informação proveniente do meio humano do sujeito cognoscente, então eles devem funcionar como "teorias" quotidianas para a explicação e justificação de um dado estado actual de relações entre grupos, (...) a sua principal função deve ser preservar os valores sociais que os sujeitos subscrevem.

Marques, 1986

1. Definição de estereótipo

Etimologicamente, o termo estereótipo designa uma placa metálica de caracteres fixos, destinada à impressão em série. Trata-se de um termo que, embora provindo do vocabulário tipográfico, adquiriu uma conotação **psicossocial**, remetendo para uma matriz de opiniões, sentimentos, **atitudes** e **reações** dos membros de um grupo, com as **características** de rigidez e homogeneidade (Simões, 1985:207).

Para Gahagan (1980), «um estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para **todos** os membros de um grupo (...). O estereótipo é, provavelmente, muito inexacto como **descrição** de um **dado** sujeito (...), mas não dada qualquer outra informação, **constitui** uma conjectura racional. Um **desses** traços levaria então à inferência de outros traços (...)" (p.70).

De um ponto de vista mais **estritamente** cognitivo, a estereotipia identifica-se com prototipia, tratando-se de uma "operação que consiste em atribuir a objectos de uma categoria todos os traços que se supõe caracterizar o conjunto dos objectos dessa categoria" (Codoi, 1989:477).

A introdução deste termo nas **ciências** sociais fez-se por influência directa da obra **Public Opinion** (1922) do jornalista Walter Lippmann, na qual se expunham as

influências das concepções nacionalistas etnocêntricas nas relações políticas internacionais, durante a 1.ª Guerra Mundial (Maisonneuve, 1971; Sherif, 1976)1.

A noção de estereótipo pode ser abordada a partir de duas perspectivas diferentes, mas em certa medida complementares: do ponto de vista cognitivo, enquanto esquema (schema)², ou numa perspectiva eminentemente social, enquanto produto da interacção social (Atkinson et al., 1983; Lisi et al., 1990; Tajfel, 1980). No primeiro caso enfatiza-se o processo de construção dos estereótipos; no segundo o acento é colocado nos conteúdos categoriais (Deaux e Lewis, 1984).

No presente estudo tomaremos em conta os contributos teóricos de ambas as perspectivas, embora procurando entender preferencialmente o estereótipo enquanto produto da interacção social, conferindo, por isso, um maior relevo aos conteúdos categoriais.

2. A abordagem cognitiva

Do ponto de vista da psicologia cognitiva, um estereótipo é social porque se refere à caracterização de grupos e porque se trata de cognições de grupos, a respeito de indivíduos identificados sob categorias sociais genéricas, que se revelam como tendo um papel particularmente importante na memória construtiva (Atkinson et al., 1983). Encarado deste modo, "o estereótipo é um pacote de conhecimentos acerca de traços de personalidade ou atributos físicos que assumimos serem verdadeiros para toda uma classe de pessoas" (Atkinson et al., 1983:247/248).

Investigações realizadas nesta área (Belczka e Bower, 1981; Hunter, 1974; Renn e Calvert, 1993; Snyder e Uranowitz, 1978) mostraram que os estereótipos permitem não só construir a memória acerca de um indivíduo ou situação em particular, como também são usados na reconstrução da memória a respeito de determinados indivíduos ou acontecimentos, alterando frequentemente a sua realidade de modo a que estes se encontrem de acordo com o estereótipo que já se detém.

Nessa obra Lippmann procurava pôr em destaque a importância das imagens mentais na interpretação dos acontecimentos da 1.ª Guerra Mundial, seguindo-se toda uma série de investigações tendentes a recolher dados sobre as imagens que diversos grupos sociais fariam uns dos outros. Os estereótipos eram vistos como componentes dessas representações, tendo-se considerado, subsequentemente, que eles cumpriam funções de selecção e simplificação de informação, impondo uma estrutura no mundo das estimulações externas (Marques, 1986).

Segundo Atkinson (1983), o estereótipo, tal como a atitude, é uma espécie particular de schema. A sua diferença está no facto de "(...) os estereótipos influenciarem a forma como percebemos pessoas em particular, enquanto os schemas influenciam a forma como nós percebemos e recordamos acontecimentos e experiências" (op.cit.:249).

Já para Codol (1989), é necessário distinguir schème de schéma, pois o primeiro designa o aspecto operativo do processo de generalização e o segundo o seu aspecto figurativo: "O schème é (...) a forma geral de um processo de generalização e o schéma o seu conteúdo particular em circunstâncias dadas" (p.476).

De acordo com Renn e Calvert (1993), "a natureza construtiva da memória é influenciada pela base de conhecimentos e expectativas do indivíduo, mais geralmente designada por esquema" (p.449).

2.1. Estereótipos e teoria do processamento da informação

Do ponto de vista das teorias do processamento de informação, a estereotipia pode ser compreendida como uma das consequências do princípio da economia cognitiva (Rosch, 1977), o qual postula que as representações do conhecimento no sujeito se organizam de tal forma que permitem que uma grande quantidade de informação possa ser acessada com o mínimo de esforço cognitivo (Hamilton e Sherman, 1994).

Compreende-se assim, que, nesta perspectiva, os estereótipos não sejam estudados no seu conteúdo (e daí que não seja relevante saber se eles são negativos ou positivos (Brewer, Dutton e Luce, 1981; Six e Eckes, 1991)), mas sejam investigados sobretudo no seu processo de construção enquanto constituem redes proposicionais, ou estruturas cognitivas hierarquicamente organizadas a partir de proposições que são as suas unidades básicas estruturais (Marques, 1986).

Esta nova concepção aplicada ao caso dos estereótipos sexuais leva a que estes sejam vistos como "categorias naturais da linguagem" (Lisí et al., 1990:593), as quais desempenham um papel importante no processamento e organização da informação na memória (Renn e Calvert, 1993).

"O "new look" na estereotipia não trata mais os estereótipos como algo negativo ou mau, mas como categorias que operam da mesma forma que outras categorias cognitivas" (Six e Eckes, 1991:57/58). Dito de outro modo, "os estereótipos são considerados como resultado dos mesmos processos dinâmicos que os percipientes usam para organizar e interpretar toda a informação social do ambiente (...)" (England, 1992:700). Assim, "os estereótipos (...) podem ser conceptualizados como uma instância particular de processos cognitivos mais gerais" (Edwards, 1992:534).

Enquanto categoria ou esquema, o estereótipo - porque obedece ao princípio da economia cognitiva - reduz a diversidade do real e permite processos de inferência, categorização e juízo sociais (Six e Eckes, 1991). Nesta óptica, a estereotipia não é mais do que uma "reorganização e simplificação de informação complexa (...) devidas a limitações cognitivas" (Lisí et al., 1990:594).

-) Nos anos cinquenta a perspectiva do "new look", ou teoria da hipótese perceptiva, defendeu como ideia central que, na actividade perceptiva, cada um está pré-equipado com hipóteses sobre o que deveria ser percebido, concepção que inspirou, já na década de 80, numerosos trabalhos, entre eles investigações relativas à acessibilidade categorial (Codol, 1989).

Apesar da noção de **esquema cognitivo** ser bastante vaga, podendo ir da estrutura de reconhecimento de um padrão sensorial até ao conceito de rede associativa (Marques, 1986), é possível distinguir-lhe três diferentes acepções que remetem para algumas das facetas mais relevantes deste constructo. Entre as mais frequentes contam-se as noções de protótipo, de guião (ou script) e de enquadramento (ou frame).

De acordo com Rosch (1977)⁴, um protótipo é o conjunto de atributos de uma dada categoria cognitiva que mais tipicamente representa essa categoria. A prototipia refere-se, assim, às características que têm grande probabilidade de ocorrer em membros de uma dada categoria e baixa probabilidade de ocorrer em membros de outras categorias do mesmo grau de generalidade.

Uma vez formado o protótipo de uma categoria, a pertença a essa categoria realiza-se em termos de prototipicidade ou similitude percebida com a instância prototípica (...), cuja natureza parece seguir os princípios gerais das categorias de níveis básicos, caracterizando-se pela sua riqueza de associação de traços distintivos, imagens vividas e respostas motoras diferenciáveis¹ (Brewer, Dull e Lui, 1981: 656/657).

Investigações recentes na área da estereotipia sexual têm analisado a estrutura dos estereótipos, identificando-os com os protótipos de homem e mulher e distinguindo neles os seus elementos centrais (ou mais proeminentes) dos periféricos (Lisi et al., 1990; Six e Eckes, 1991). Para além disso, tem-se procurado igualmente subtipos de estereótipos ou subestereótipos e, embora haja variações nas diferentes investigações experimentais, parece bastante claro que as pessoas podem conceptualizar, e fazem-no, homens e mulheres em termos de subtipos específicos (...), os quais podem corresponder a papéis que homens e mulheres tipicamente ocupam na sociedade" (Edwards, 1992:534).

Partindo de uma metodologia de análise em "clusters" ou agrupamentos de atributos relativos ao género masculino, Edwards (1992) concluiu que, mais do que um processamento de informação em termos de estereótipo masculino, os sujeitos revelaram tratar a informação em função de quatro subtipos ou subcategorias de Homem: o atleta, o homem de negócios, o pai de família, e o homem perdedor. Sublinhe-se, no entanto, que todos estes tipos participam de um mesmo protótipo ligado ao sexo masculino, o qual pode ser considerado como constituindo o estereótipo de homem. Este incluiria algumas prescrições comuns a todos os indivíduos do sexo masculino, independentemente do tipo

⁴ Segundo o modelo de E. Rosch, apresentado em 1977, relativo à categorização de objectos naturais, a informação é cognitivamente organizada segundo uma taxonomia hierárquica tripartida que se reparte por categorias superordenadas, níveis básicos e categorias subordinadas. Se nos movermos do nível superordenado para o básico e deste para o subordinado, as (alegorias tornam-se menos abstractas, envolvem informação mais rica, vivida e concreta, mas são muito mais diferenciadas do que as categorias de nível mais elevado. A adaptação deste modelo ao domínio da percepção de pessoas foi realizada por Cantor e Mischel em 1979, sugerindo que os estereótipos poderiam ser formados a partir dos casos mais claros de pertença ou níveis básicos (prototípicos) das categorias (Brewer, Dull e Lui, 1981).

a que pertencessem, apontando-lhes deveres como os de levarem a sério o **seu** trabalho, as suas responsabilidades familiares e o **seu** papel patrnal (England,1992).

Resultados semelhantes, de constatação de que a estereotipia se realiza ao nível da prototipia, foram igualmente encontrados para as mulheres (Edwards, 1992) e para os idosos (Brewer, Dull e Lui,1981).

Quanto ao **guião** (ou script **cognitivo**), trata-se da **representação** mental de uma sequência de acontecimentos, incluindo referências a **actores**, objectos e às **suas** relações, relacionada com uma sequência coerente de acontecimentos que podem ser esperados (Codol,1989). O guião distingue-se do protótipo **porque** este é uma representação abstracta de classes de objectos (Codol, 1989), enquanto aquele constitui uma **representação** de encenação de acontecimentos.

Os scripts podem ser definidos como **esquemas** (socialmente construídos) de atribuição de significação e de orientação (directão) **da acção**" (Alferes, 1993: 127).

Por **último**, um enquadramento (ou frame) refere-se a **uma** estrutura de **dados** que representa uma situação estereotipada e, **por isso**, "pode corresponder a um guião (script) categorial" (Marques, 1986:21).

Investigações realizadas nesta **área** têm demonstrado que protótipos, guiões e enquadramentos são constructos de relevante **utilidade** na **análise** de fenómenos de estereotipia social⁵.

2.2. Estereótipos e memória

Na linha da **psicologia** cognitiva, e inspirando-se no modelo de **Rosch**, realizaram-se diversos estudos (Bellezza e Bower,1981; Brewer, Dull e Lui,1981; Hunter,1974; Martin,1987; Snyder e Ulanowicz,1978) com o objectivo de mostrar que os estereótipos permitem construir a memória acerca de um indivíduo ou **situação** em particular e são usados na reconstrução da memória respeitante a determinados indivíduos ou acontecimentos.

Considerando os estereótipos como um tipo particular de esquemas, pode-se afirmar com Codol (1989) que, uma vez activados, **eles** guiam tanto a codificação dos estímulos como a evocação da informação armazenada na memória.

Isto mesmo foi concluído no caso dos **esquemas** de natureza sexual, tendo-se verificado que eles "guiam a **atenção** e a percepção, a codificação da informação na

⁵ Referimo-nos sobretudo a investigações realizadas na área da estereotipia sexual, domínio que tem conhecido desde a década de 70 grande atenção por parte de investigadores sociais, e onde a aplicação destes constructos da cognição social se tem revelado de inegável valor heurístico (para uma visão de conjunto relativa a esta temática, ver Lisi et al.,1990)

memória a longo termo e a eventual **evocação dessa** informação (...). Em qualquer uma destas fases a informação é por vezes filtrada quando é irrelevante ou incongruente com as nossas expectativas (...)" (Reno e Calvert, 1993:449-450).

Genericamente são três as **conclusões mais** importantes a retirar destes estudos: em primeiro lugar, que os sujeitos detêm categorias superordenadas, socialmente salientes (e.g., idade, raça, **sexo**, etc.). no âmbito das quais organizam o mundo **social**. A partir destas, um novo estímulo individual é subsequentemente categorizado a um nível mais **básico**, tomando-se a estereotipia em prototipia. No entanto, "quando a informação disponível acerca de uma **pessoa-estímulo é insuficiente** para fazer uma categorização **específica**, podem-se utilizar **generalizações** relativas a categorias superordenadas, que servem como "valor por omissão" em decisões de categorização" (Brewer, Dull e Lui, 1981 :669).

Outra **das conclusões** refere-se à quantidade de informação específica recordada acerca de um sujeito-alvo, a qual parece depender em grande parte da pertença categorial do percipiente, que recorda mais informação (quer **consistente**, não consistente ou mista) no caso de o sujeito-alvo pertencer ao **seu** grupo social (Brewer, DuU e Lui, 1981).⁶

Por **fim**, é hoje um dado assente que em tarefas de recordação levadas a cabo pouco tempo depois de realizada a codificação da informação, os sujeitos recordam melhor aquela que não é consistente com o estereótipo do que aquela que é neutra ou mista⁷ (simultaneamente consistente e não consistente com o estereótipo), o que tem sido explicado no âmbito das teorias do **processamento** de informação como resultado duma maior atenção que os sujeitos **prestam àqueles dados** no momento da sua codificação (Branscombe e Smith, 1990).⁸

Para Shennan e Hamilton (1994), os estereótipos podem, por **essa** mesma razão, **tornar-se** úteis, pois eles permitem que se **preste** uma atenção particular a **informações** incongruentes com o **estereótipo**, levando () sujeito a concluir que algo não está correcto na sua forma de pensar o mundo.

⁶ No entanto, Sherman e Hamilton (1994) sugerem que, quer se trate do grupo próprio ou de outro grupo, quando um estereótipo é **activado** ele **parece também** trazer **consigo** representações mentais de membros atípicos desse grupo (as investigações não são, porém, ainda **conclusivas** a este respeito).

Embora Brewer, DuU e Lui (1981) tenham encontrado **apoio empírico** para a ideia de que a **informação** congruente com o **estereótipo** é igualmente bem recordada **pelos** sujeitos, Bellezza e Bower (1981) defendem que, numa situação de **activação** dos estereótipos dos sujeitos, eles **mais** não fazem do que adivinhar em direcção às **características** estereotipadas, não se tratando **assim** de um **verdadeiro** processo de recordação, mas de "um efeito devido a um **enviesamento** de adivinhação induzido pelo **estereótipo**" (p.857).

⁸ Refira-se, no entanto, que em situações em que os sujeitos têm que **produzir** estimativas face a sujeitos-alvo genericamente apresentados, os juízos produzidos tendem mais a ser **consistentes** com os **estereótipos** do que **inconsistentes** (Martin, 1987).

No entanto, se os dados a recordar não foram codificados recentemente, "a infonção inconsistente com o esquema é frequentemente esquecida ou distorcida (...) e o esquema substitui lapsos de memória por "bons palpites" como se fossem estímulos originais (...)" (Renn e Calvert,1993:452). Estas investigadores mostraram também que tais enviesamentos, maiores e mais frequentes em indivíduos que apresentam alto grau de estereotipia, e que deturpam sistematicamente a realidade recordada, invalidam a maior parte das tentativas de superação de estereótipos, porquanto "o que uma pessoa leva para observar uma situação, pode ser mais importante do que aquilo que ela realmente vê" (Renn e Calvert, 1993:458).

A este efeito quase auto-perpetuante dos estereótipos acrescenta-se ainda um efeito de "ricochete", precisamente quando os percipientes sociais tentam activamente inibir a presença de pensamentos estereotipados em termos de juízos ou comportamentos (Macrae, Bodenhausen, Milne e Jetten,1994; Shennan e Klein,1994). Descritas como tendo um efeito irónico, e até enfurecedor, as tentativas dos sujeitos em suprimir pensamentos estereotipados "têm uma vida curta, porque as crenças estereotipadas podem retornar ainda com mais vigor, logo que os mecanismos inibitórios tenham sido relaxados" (Macrae et al.,1994:8(9).

Utilizando o modelo teórico das sinapses na construção da acessibilidade a informações existentes na memória, Macrae et al. concluíram que fenómenos intencionais de supressão desses pensamentos indesejados mais não fazem do que activar repetidamente, e pôr em destaque, tais categorias que o sujeito se esforçou por substituir por distractores. Porém, a médio ou longo prazo, tais distractores acabarão por servir de pistas para que, em situações clínicas relevantes, os pensamentos estereotipados retornem, uma vez que se tomaram ainda mais acessíveis através de mecanismos de primazia: "Longe da vista (...) não quer necessariamente dizer longe do coração, pelo menos no que respeita a pensamentos estereotipados indesejados" (Macrae et al.,1994:814).

Tais constatações corroboram a investigação realizada nesta área, que comprovou empiricamente que a uma maior acessibilidade à memória de traços consistentes com o estereótipo corresponde uma maior ocorrência de estereotipia (Martín.1987).

2.3. Críticas à abordagem cognitiva

Embora a noção de esquema possua um elevado valor heurístico, atestado pela diversidade e quantidade de investigação que se tem registado nas últimas décadas nesta área da cognição social, a teoria do processamento da informação quando aplicada à cognição social tem sido alvo de duas críticas importantes (cL Marques,1986).

A primeira delas refere-se à definição do que se entende pelo termo "social" quando se fala de cognição social. Na verdade, parece não ser claro o reconhecimento

da existência de uma especificidade dos fenómenos sociais enquanto objecto de conhecimento. A teoria do processamento social da informação "ignora a parte jogada pelos afectos (...) e pelos valores sociais na formulação de juízos" (Marques, 1986:55).

De acordo com Marques (1986), as teorias da cognição social têm tratado os juízos sociais como qualquer outro tipo de juízos, não reconhecendo claramente ao termo "social" qualquer especificidade que se projecte eventualmente no conteúdo de tais assertões. Assim, o juízo social é visto sobretudo do ponto de vista lógico e como categorização racional do real, e menos como reflectindo relações sociais, onde a afectividade e a emoção também se podem revelar, reflectindo as relações sociais entre os sujeitos.

A segunda crítica, frequentemente formulada, diz respeito à dificuldade em definir rigorosa e univocamente a noção de esquema, constructo central na teoria do processamento de informação. Para além de demasiado vago, falta ao conceito de esquema fundamentação teórica e empírica, verificando-se que a maior parte das teorias e taxonomias que se têm desenvolvido situam-se ao nível microdescritivo e idiossincrático (Codol, 1989; Marques, 1986).

Na verdade, no âmbito da teoria da cognição social é claramente insuficiente o grau de apuramento terminológico e rigor conceptual pois, "nomes distintos são dados aos mesmos fenómenos. diversos fenómenos são incluídos sob a mesma designação e a mesma designação é aplicada a diferentes fenómenos" (Marques, 1986:28).

No que se refere mais especificamente às consequências destas críticas para a análise da estereotipia social, saliente-se que este não é um fenómeno neutro do ponto de vista social: a estereotipia social não é uma mera forma de substituir ordem pela grande desordem ou confusão da realidade. Não é meramente uma redução. É todas estas coisas e algo mais. É a garantia do nosso auto-respeito; é a projecção no mundo do nosso sentido, do nosso valor, da nossa posição, dos nossos valores" (Sumner, cit. in Marques, 1986:57).

De qualquer forma. "embora a perspectiva cognitiva tenha vindo a ser criticada por não tomar em devida conta factores como a motivação e a intenção (...), ela é aceite como complemento valioso às orientações psicodinâmicas e socioculturais do estudo da estereotipia (...)" (England, 1992:534).

3. A estereotipia enquanto fenómeno social

Numa perspectiva sociocultural entende-se que são as standardizações culturais e as normas sociais, absorvidas durante o processo de socialização, os elementos mais importantes na formação e conteúdo dos estereótipos (Lis et al., 1990).

Assim, para além da função de simplificação, que a teoria do processamento esquemático da informação atribui à estereotipia, é igualmente necessário ter em conta a emergência de fenómenos tipicamente sociais quando se aborda a estereotipia social.

Referimo-nos sobretudo a fenómenos de categorização social e produção de uma identidade social positiva, entre outros.

Nesta linha teórica de abordagem à estereotipia destacam-se os trabalhos de Tajfel (1969) que considera que a estereotipia implica factores cognitivos, avaliativos e emocionais e que os factores avaliativos são basicamente o resultado da assimilação de valores sociais" (pp.85/86).

Para Tajfel, os estereótipos, embora profundamente ligados a processos cognitivos, só podem ser compreendidos como sistemas de valores, a partir dos quais os indivíduos se categorizam a si próprios e aos outros, de forma a procurar uma imagem positiva de si como actores sociais.

3.1. A dinâmica psicossocial da estereotipia

Neste contexto a noção de estereótipo é encarada sobretudo de um ponto de vista psicossocial, procurando aprofundar o elemento "social" do estereótipo não como objecto sobre o qual a estereotipia se realiza mas, mais do que isso, principalmente como produto de relações sociais que os diversos grupos mantêm entre si⁹ (Maisonneuve, 1971).

É que os estereótipos, para além dos elementos cognitivos de que são formados, encontram-se igualmente determinados sociologicamente, uma vez que são "versões do funcionamento das coisas sociais" (Asch, 1977:477).

Assim, e do ponto de vista psicossocial, um estereótipo é uma crença generalizada, que combina cognição com afectividade (constituindo, portanto, uma atitude) e que caracteriza de forma invariante um objecto estímulo (Lerner e Hulsch, 1983).

De acordo com Simões (1985:207), enquanto generalizações, os estereótipos apresentam três características importantes; a) abusivas, porque aplicadas de maneira uniforme a todos os membros de um grupo (admitindo poucas excepções); b) extremas, ou seja, atribuídas de forma superlativa (...); c) mais frequentemente negativas do que positivas¹¹.

De facto, tal como é o caso das atitudes e dos preconceitos, também os estereótipos sociais podem ter uma conotação positiva. Mas estes, porque são menos

⁹ Embora toda a categoria social seja, antes de mais, uma categoria cognitiva, nem todas as propriedades de uma categoria social se reduzem às das categorias cognitivas, consideradas em geral. Por exemplo, a homogeneização da percepção social obedece a mecanismos gerais da percepção, mas não se esgota neles. Sublinhe-se que, no plano social, se registam fenómenos mais complexos de pertença categorial, a partir dos quais é possível compreender fenómenos de construção da identidade, estereotipia e discriminação sociais (Codol, 1989). Desta forma, a percepção social revela uma coloração valorativa, que extravasa os limites duma actividade cognitiva "pura".

frequentes e dão origem a uma menor controvérsia social, têm sido muito menos investigados.

A razão da **tendência** para a estereotipia negativa poder-se-á ficar a dever em grande parte à função social do estereótipo, tal como acontece no caso do preconceito (Sherif,1976), uma vez que o seu papel principal é o de legitimar formas de dominação e poder social de um grupo sobre outro e daí o assumirem um carácter mais frequentemente depreciativo face aos "outros", muito diferentes de "nós".

Pode afirmar-se igualmente, com Simões (1985:207), que "os estereótipos são produto de grupos de pertinência (...)", Da mesma forma, segundo Neto (1990: 123), "os estereótipos são sistemas de crenças que se atribuem a membros de grupos simplesmente pelo facto da pertença a esses grupos". Ao combinar-se esta característica com as de inflexibilidade, considerável resistência à mudança e **legitimação** do poder social, melhor se pode compreender como o estereótipo normalmente não se altera com facilidade, mesmo quando em confronto com uma realidade que eventualmente o contradiga (Atkinson et al.,1983; Gahagan,1980),

Na verdade, porque o estereótipo permite elaborar sentido num meio social complexo. o indivíduo portador do estereótipo **considera** a realidade contraditória à sua **generalização** como uma excepção, ou nega mesmo a realidade que ele passa a ver como falsa ou manipulada por alguém (Moscovici e Hewstone, 1984). Abandonar o estereótipo, **seria** assim perder o sentido impregnado à realidade, ameaçando a sua própria segurança, necessidade de afiliação e conformidade às regras sociais¹⁰.

Por outro lado, os estereótipos têm uma dinâmica de autojustificação e autoperpetuação que leva os indivíduos objecto da estereotipia a **comportarem-se** de forma a corresponderem à imagem estereotipada que deles se tem (Word, Zanna e Cooper,1974)",

"Os estereótipos são profecias que se autoconfinam"¹¹ (England,1992:711), numa relação circular entre percepções de papéis e **participação** dos sujeitos sociais nesses papéis.

¹⁰ A propósito da necessidade de um sentido, de uma ordem social perfeitamente definida, escreve Jung na sua obra *Two Essays on Analytical Psychology* (cit. por Fordham,1972:45): "A sociedade espera e tem razão para esperar que cada um desempenhe o mais perfeitamente possível o papel que lhe coube; assim, um homem que seja sacerdote (...) deve em todas as ocasiões (...) desempenhar impecavelmente o seu papel de sacerdote. A sociedade exige-o por uma espécie de segurança: todos devem permanecer no seu posto, aqui um sapateiro, além um poeta. Não se espera que ninguém seja ambas as coisas(...), isso seria "esquisito". Um homem desses seria "diferente." dos outros, não mereceria confiança".

¹¹ Numa recente investigação levada a cabo por England (1992), em que foram analisadas as diversas expectativas estereotipadas face aos sujeitos do sexo masculino, concluiu-se que, embora o seu papel social seja multidimensional, este encontra-se hoje bastante unificado, registando-se uma assinalável pressão social para que indivíduos do sexo masculino apresentem, simultaneamente, características de homem bem sucedido financeiramente, bravo e corajoso, forte, protector e independente, que evite a feminilidade e, mais recentemente, acrescente-se a este quadro, que seja bom pai.

Para além **disso**, os estereótipos constituem frequentemente a base dos preconceitos, apresentando um forte enraizamento histórico e cultural: contêm um aspecto cognitivo de pré-juízo e encontram-se profundamente **arreigados** à forma como, tradicionalmente, os grupos **sociais** se relacionam entre si — forma essa que **consideram** legítima, **pois** percebem-se de um modo determinado, **que**, muitas vezes se encontra consolidado historicamente.

4. Conclusão

Embora o modelo de processamento de informação **possa** trazer importantes e decisivos esclarecimentos ao **processo** da estereotipia social (nomeadamente lançando luz sobre os processos de aquisição, organização e recordação de informação), e se apresente como uma abordagem preferentemente analítica em relação aos **aspectos** mais "puramente **cognitivos**" dos estereótipos, não se pode afirmar que ele providencie um completo esclarecimento de todo o processo ligado à estereotipia.

Porque as raízes dos **nostros** preconceitos não acabam no nosso solo nativo! (Sherif, 1976:272), é necessário encontrar as raízes mais profundas **das relações** de poder, que *se* projectam **tanto** no **passado** como no **futuro**, e que contribuem frequentemente **para** conflitos e lutas entre as diferentes partes da sociedade e entre as sociedades.

Bibliografia

- ALFERES, V. (1993). Atracção Interpessoal. Sexualidade e Relações íntimas. In 1. Vala & M. Monteiro (Eds.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ASCH, S. (1977), *Psicologia Social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- ATKINSON, R., ATKINSON, R. & HILGARD, E. (1983). *Introduction to Psychology* (Eighth Edition). New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc.
- BELLEZZA, F. & BOWER, G. (1981). Person Stereotypes and Memory for People. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 5. 856-865.
- BRANSCOMBE, N. & SMITH, E. (1990). Gender and Racial Stereotypes in Impression Formation and Social Decision-Making Process. *Sex Roles*, 22, 9110. 627-647.
- BREWER, M., DULL, V. & LUI, L. (1981). Perceptions of the Elderly: Stereotypes as Prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 4, 656-670.
- COOOL, I. (1989). Vingt Ans de Cognition Sociale. *Bulletin de Psychologie*, XLII, 390. 472-491.

- DEAUX, K. & LEWIS, L. (1984). Structure of Gender Stereotypes: Interrelationships Among Components and Gender Label. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 5, 991-1004.
- EDWARDS, G. (1992). The Structure and Content of the Male Gender Roles Stereotype: An Exploration of Subtypes. *Sex Roles*, 27, 9/10, 533-551.
- ENGLAND, E. (1992). College Student Gender Stereotypes: Expectations About the Behavior of Male Subcategory Members. *Sex Roles*, 27, 1112, 699-716.
- FORDHAM, F. (1972). *Introdução a Psicologia de Jung*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- GAHAGAN, J. (1980). *Comportamento Interpessoal e de Grupo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- HAMILTON, D. & SHERMAN, I. (1994). Stereotypes. In R. Wyer & T. Srull (Eds.). *Handbook of Social Cognition*. Vol. 2. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- HUNTER, L. (1974). *Memory*. Baltimore: Penguin.
- LERNER, R. & HULTSCH, D. (1983). *Human Development, a Life-Span Perspective*. New York: McGraw Hill.
- LISI, R. & SOUNDARANAYAGAM, L. (1990). The Conceptual Structure of Sex Role Stereotypes in College Students. *Sex Roles*, 23, 1112, 593-611.
- MACRAE, C., BODENHAUSEN, A., MILNE, A. & JETTEN, J. (1994). Out of Mind but Back in Sight: Stereotypes on the Rebound. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 5, 808-817.
- MAISONNEUVE, I. (1971). *La Psychologie Sociale*. Paris: P.U.F.
- MARQUES, J. (1986). *Toward a Definition of Social Processing of Information: an Application to Stereotyping*. Dissertação de Doutoramento, não publicada, apresentada à Université Catholique de Louvain.
- MARTIN, C. (1987). A Ratio Measure of Sex Stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 3, 489-499.
- MOSCOVICI, S. & HEWSTONE, M. (1984). De la Science au Sens Commun. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie Sociale*. Paris: P. U. F.
- NETO, F. (1990). Conhecimento de Estereótipos Sexuais em Crianças Rurais e Urbanas. Separata da *Revista Portuguesa de Psicologia*, 26, 77-93.
- RENN, J. & CALVERT, S. (1993). The Relation Between Gender Schemas and Adults' Recall of Stereotyped and Counterstereotyped Television Information. *Sex Roles*, 28, 7/8, 449-459.

ROSCH, E. (1977). Human Categorization. In N. Wannen (Ed.). *Studies in Cross-Cultural Psychology*. Vol.I. London: Academic Press.

SHERIF, C. (1976). *Orientalism in Social Psychology*. New York: Harper & Row, Publishers.

SHERMAN, J. & KLEIN. (1994). The Development and Representation of Personality Impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 7, 972-983.

SIMÕES, A. (1985). Estereótipos Relacionados com os Idosos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XIX, 207-234.

SIX, B. & ECKES, T. (1991). A Closer Look at the Complex Structure of Gender Stereotypes. *Sex Roles*, 24, 1/2, 57-71.

SNYDER, M. & URANOWITZ, S. (1978). Reconstructing the Past: Some Cognitive Consequences of Person Perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 941-950.

TAJFEL, H. (1980). Comportamento Intergrupo e Psicologia Social da Mudança. In A. Barroso, B. Silva, J. Vala, M. Monteiro & H. Catarro (Eds.). *Mudança Social e Psicologia Social* (Comunicações Apresentadas ao Simpósio sobre Mudança em Psicologia Social — Lisboa 20-22 de Outubro de 1980). Lisboa: Livros Horizonte.

WORD, C., ZANNA, M. & COOPER, H. (1974). The Nonverbal Mediation of Self-Fulfilling Prophecies in Interpersonal Interaction. *Journal of Experimental Social Psychology*, 10, 109-120.

Resumo

A estereotipia social, para além da lógica de categorização a que obedece, típica de toda a actividade cognitiva, encontra-se igualmente permeada pela lógica das relações sociais, que condicionam e são produto de todo o conjunto de representações sociais dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: estereótipo; esquema; processamento de informação; categorização; pensamento social.

Summary

Social stereotyping, besides the categorisation logic to which obeys - typical of all cognitive activity - it is also sensitive by the logic of social relations. The latter regulate and are product of the whole of social representations of the subjects.

KEY-WORDS: stereotyping; scheme; data processing; categorisation; social thought